

**A PRÁTICA DE ANÁLISE LINGUÍSTICA NAS AULAS
DE LÍNGUA PORTUGUESA: DOS PCNLP À BNCC**

Gislaine de Paula Barbosa (UFT)

gislaine.depaula14@gmail.com

Marizane Magalhães de Oliveira (UFT)

magalhaesmarizanne@gmail.com

João de Deus Leite (UFT)

joadedeusleite@hotmail.com

RESUMO

Neste artigo, organizado a partir de um recorte da dissertação de mestrado de Gislaine de Paula Barbosa, colocamos a prática de análise linguística em perspectiva, apresentando um panorama geral desta prática a partir Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCNLP) e como prática de linguagem presente em todos os campos de atuação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Nosso objetivo é mostrar que a prática de análise linguística requer uma reflexão para que ocorra formação e implementação de práticas de linguagem produtivas nas escolas de educação básica. Para isso, observamos os próprios documentos oficiais e também estudos linguísticos que tematizam essa perspectiva, como os de Geraldi (2012), Bezerra e Reinado (2013), Leite (2016), Luiza Silva (2016), entre outros. Realizado uma pesquisa qualitativa documental, consideramos que a prática de análise linguística está estabilizada em face à sua historicidade e ao seu aspecto teórico, mas que ainda requer constante reflexão e atuação, tendo em vista que a BNCC está em fase de implementação e que o ensino de Língua Portuguesa na educação básica exige aperfeiçoamento. Por isso, este artigo é um modo de olhar para a BNCC na perspectiva formadora em relação ao trabalho com a linguagem nas aulas de Língua Portuguesa da educação básica.

Palavras-chave:

BNCC. Análise linguística. Aulas de Língua Portuguesa.

ABSTRACT

In this article, extracted from of Gislaine de Paula Barbosa's master's dissertation, we put the practice of linguistic analysis in perspective, presenting an overview of this practice from The National Curricular Parameters of Portuguese Language (PCNLP) and as a language practice. present in all fields of activity of the Common National Curriculum Base (BNCC). Our aim is to show that the practice of linguistic analysis requires reflection for training and implementation of productive language practices in primary schools. For this, we observe the official documents themselves and also linguistic studies that thematize this perspective, such as Geraldi (2012), Bezerra and Reinado (2013), Leite (2016), Luiza Silva (2016), among others. Conducted a qualitative documentary research, we consider that the practice of linguistic analysis is stabilized in view of its historicity and its theoretical aspect, but that still requires constant reflection and action, considering that the BNCC is in the implementation phase and that teaching of Portuguese Language in basic education requires improvement.

Therefore, this article is a way of looking at BNCC in the formative perspective in relation to working with language in Portuguese language classes of basic education.

Keywords:

BNCC. Linguistic Analysis. Portuguese language classes.

1. Introdução

As aulas de Língua Portuguesa nas escolas brasileiras da educação básica são influenciadas pelos pressupostos da Linguística moderna⁴³. Essa influência foi intensificada após a década de 70, passando a exigir uma nova formação de professores, pois daquele momento em diante, o trabalho pedagógico tem por base os princípios da textualidade. Desse modo, o ensino de Língua Portuguesa passou a se ancorar, em termos de metodologia, na questão de que o texto deve ser o ponto de partida e de chegada. Dessa centralidade no texto, surgem as ideias de práticas ancoradas em um gênero textual, conhecidas como prática de leitura e oralidade, prática de escrita e prática de análise linguística, que colocamos em perspectiva no presente artigo.

Inicialmente, localizamos o eixo prático de análise linguística nos referenciais que tratam da questão do texto como suporte para práticas de linguagem nas aulas de Língua Portuguesa, a partir dos primeiros anos da década de 80⁴⁴. Essas práticas de linguagem compreendem a leitura, a produção textual e a análise linguística, desenvolvidas a partir de um texto, como, por exemplo, na coletânea *O texto na sala de aula*⁴⁵ (GERALDI, 2012). Dentre os artigos que compõem essa coletânea, observamos a proposta de atividades integradas de leitura, de produção de texto e de análise linguística, sempre centralizadas em um texto selecionado para uma aula de Língua Portuguesa. Dividida em fundamentos, práticas de sala de aula, sobre a leitura na escola e sobre a produção de textos na es-

⁴³ A Linguística moderna se constituiu a partir dos fundamentos que advêm dos Cursos ministrados por Saussure e que, postumamente, foram compilados a partir de notas de aula de alunos de Saussure, dando origem ao célebre Curso de Linguística Geral (1916).

⁴⁴ Segundo Bezerra e Reinaldo (2013, p. 13), essa ideia de análise começou nos anos 70, ainda com o nome de descrição linguística, passando, na década seguinte, para a prática de análise linguística, quando a linguística passa a contribuir com as questões do ensino de Língua Portuguesa.

⁴⁵ Consultamos a edição de 2012, que usamos como referência, mas fomos informados, pelo prefácio do texto consultado, que a primeira edição é de 1984, daí a referência à década de 80.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

cola, a coletânea traz críticas acerca de práticas pouco eficientes no ensino de Língua Portuguesa, principalmente por sua centralidade na gramática normativa e pelas atividades de interpretação de texto separada da prática de análise linguística.

Nessa coletânea, a prática de análise linguística é parte de um artigo que traz o título de *Unidades Básicas do Ensino do Português* (GERALDI, 2012, p. 59-79). Algumas considerações gerais sobre essa prática proposta seria partir do texto do aluno para trabalhar questões, conforme a demanda do momento, e também para planejar as aulas. O pesquisador propôs as aulas tendo em mãos questões que surgiriam na escrita dos alunos:

- a análise linguística que se pretende partirá não do texto “bem escrito”, do bom autor selecionado pelo “fazedor de livros didáticos”. Ao contrário, o ensino gramatical somente tem sentido para auxiliar o aluno. Por isso partirá do texto dele.
- a preparação das aulas de prática de análise linguística será a própria leitura dos textos produzidos pelos alunos nas aulas de produção de textos;
- para cada aula de prática de análise linguística, o professor deverá selecionar apenas um problema. De nada adianta querermos enfrentar de uma vez todos os problemas que podem ocorrer num texto produzido pelo aluno;
- fundamentalmente, a prática de análise linguística deve se caracterizar pela retomada do texto produzido na aula de produção (segunda-feira, no horário proposto) para reescrevê-lo no aspecto tomado como tema da aula de análise;
- material necessário para as aulas de prática de análise linguística: os cadernos de redações; um caderno para anotações; dicionários e gramáticas;
- em geral, as atividades poderão ser em pequenos grupos ou em grandes grupos. (GERALDI, 2012, p. 74).

Partindo do erro para a correção, como recomendação apontada pelo pesquisador, a prática de análise linguística seria um trabalho progressivo do sexto ao nono ano e executado na expectativa de corrigir problemas de estrutura textual, de ordem sintática, morfológica, fonológica e estilística. Nessa proposta, essa prática promoveria melhorias nos-

textos produzidos pelos alunos com vistas a uma finalidade desses textos, como, por exemplo, publicar uma coletânea de contos na escola, pensando numa prática direcionada para a produção de textos. Posteriormente, Bezerra e Reinaldo (2013, p. 14), apontam que a proposta de Geraldi (2012) é uma prática de análise linguística para levar o aluno ao domínio da escrita padrão.

Em estudos recentes, mostrando diversas contribuições para as práticas de análise linguística nas aulas de Língua Portuguesa, as Bezerra e Reinaldo (2013) citam trabalhos de vários linguistas que se ocuparam de pesquisar e propor formas para trabalhar essa prática na sala de aula. Entre os mais citados, além de Geraldi, estão Mendonça, Nóbrega, Perfeito, Kun e Flores, Mello e Flores, Angelo e Loregan-Penkay, Wachowicz, quando as pesquisadoras fazem referência a estudos apresentados a partir da década de 90 e aponta-os como contribuintes na transposição didática de conhecimentos produzidos na academia em torno do eixo prática de análise linguística no ensino de Língua Portuguesa da educação básica.

Depois de mostrar essas contribuições, Bezerra e Reinaldo (2013, p. 61) concluem dizendo que a concepção de análise linguística corresponde a um conjunto de atividades epilinguísticas e metalinguísticas⁴⁶ orientadas a uma teoria linguística, sendo prioritárias as atividades epilinguísticas. Na sala de aula, principalmente pelo livro didático, essa concepção de análise linguística chega ancorada na tradição gramatical, nas teorias linguísticas ou fazendo uma junção das duas vertentes, mas sempre com a ideia de reflexão sobre o uso presente no que se pensa sobre prática de análise linguística, ou seja, de uma forma ou de outra, essa prática está presente nas aulas de Língua Portuguesa.

Pautando pelos referenciais teóricos consultados, observamos que a prática de análise linguística é uma proposta para ser realizada a partir de um texto selecionado, que hoje está sob a concepção de gênero. Essa

⁴⁶ Conforme o disposto no Portal da Olimpíada de Língua Portuguesa (OLP), atividade epilinguística é o exercício de reflexão sobre o texto lido/escrito e da operação sobre ele a fim de explorá-lo em suas diferentes possibilidades e atividade metalinguística é a capacidade de falar sobre a linguagem, descrevê-la e analisá-la como objeto de estudo (a gramática convencional). Informação disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/artigos/artigo/1507/o-trabalho-epilinguistico-na-producao-textual-escrita>. Acesso em 08/09/2018

proposta pode ser observada nos PCNPL (BRASIL, 1998), em currículos de sistema de ensino e na BNCC (BRASIL, 2018), conforme vamos mostrar nesta pesquisa documental, assim denominada por tematizar documentos oficiais.

Nas considerações finais, trazem os ressaltos e recomendações de estudiosos da linguagem que abordam o ensino de Língua Portuguesa na educação básica na perspectiva da análise linguística e/ou de documentos oficiais.

2. A prática de análise linguística nos anos finais do ensino fundamental: dos PCNLP à BNCC

As aulas de Língua Portuguesa pautadas pelos PCNLP foram pensadas para que o professor exerça a função de mediador entre o aluno e a linguagem. Nessa concepção, o aluno é o sujeito da aprendizagem e a linguagem é conhecimento linguístico e discursivo, sendo próprio trabalho de mediação uma forma de linguagem. Nessa atuação, o professor precisa “planejar, implementar e dirigir atividades didáticas, com o objetivo de desencadear, apoiar e orientar o esforço de ação e reflexão do aluno, procurando garantir aprendizagem efetiva” (BRASIL, 1998, p. 22). Dessa forma, a linguagem não está disposta apenas como um objeto de ensino, mas como um recurso do docente na atividade mediadora e como recurso também para o aluno nas atividades de reflexão e ação.

Outra característica dos PCNLP é colocar o texto no centro das aulas de Língua Portuguesa, tornando-o a unidade básica do ensino. Essa é uma recomendação que parte de estudos linguísticos e que ganhou, com esse documento oficial, o aspecto legal para contrapor as aulas por extratos da língua, no entendimento de que as aulas precisavam criar condições para que o aluno desenvolvesse sua competência discursiva e, segundo o documento, “dentro desse marco, a unidade básica do ensino só pode ser o texto” (BRASIL, 1998, p. 23). Nessa perspectiva, somente o trabalho com o texto, compreendido a partir da diversidade de gêneros textuais, possibilitaria a atividade mediadora em que o professor é um interlocutor privilegiado para o desenvolvimento da competência discursiva do aluno.

Sobre a organização do texto, o documento traz a informação: “os conteúdos propostos neste documento estão organizados, por um lado, em Prática de escuta e de leitura de textos e Prática de produção de textos

orais e escritos, ambas articuladas no eixo USO; e, por outro, em Prática de análise linguística, organizada no eixo REFLEXÃO” (BRASIL, 1998, p. 35). O uso está relacionado à interação e a reflexão está ligada à ampliação do conhecimento linguístico.

Os objetivos para o ensino nos anos finais do ensino fundamental são apresentados, nos PCNLP, divididos em três processos: escuta de textos orais e leitura de textos escritos; produção de textos orais e textos escritos; prática de análise linguística. Estando esse último na pauta desse trabalho de conclusão de curso, faremos uma exposição desse processo nos parágrafos seguintes. Sobre os objetivos do processo de análise linguística, os PCNLP dispõem que são esperados que o aluno:

- constitua um conjunto de conhecimentos sobre o funcionamento da linguagem e sobre o sistema linguístico relevantes para as práticas de escuta, leitura e produção de textos;
- aproprie-se dos instrumentos de natureza procedimental conceitual necessários para a análise e reflexão linguística (delimitação e identificação de unidades, compreensão das relações estabelecidas entre as unidades e das funções discursivas associadas a elas no contexto);
- seja capaz de verificar as regularidades das diferentes variedades do Português, reconhecendo os valores sociais nelas implicados e, conseqüentemente, o preconceito contra as formas populares em oposição às formas dos grupos socialmente favorecidos (BRASIL, 1998, p. 52).

Com esses objetivos, o ensino da Língua Portuguesa aponta para um amplo conhecimento e ampliação linguística por meio de atividades de escuta, leitura e produção de textos, pelo conhecimento de procedimentos e conceitos para a prática de análises linguísticas para estabelecer relações e identificar discursos. Outro objetivo dessa prática é acatar as variações pela possibilidade de reflexão sobre elas para aproveitamento da diversidade linguística brasileira como característica nacional.

Os PCNLP trazem conteúdos para os objetivos, que se subdividem em conceitos e procedimento subjacentes às práticas de linguagem e valores e atitudes subjacentes às práticas de linguagem. Os primeiros são organizados em prática de escrita de textos orais e prática de leitura de textos escritos; prática de produção de textos orais e escritos e prática de análise linguística. Especificamente sobre a prática de análise linguística,

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

em pauta, enumeramos os tópicos dos conteúdos:

- Reconhecimento das características dos diferentes gêneros de texto, quanto ao conteúdo temático, construção composicional e ao estilo.
- Observação da língua em uso de maneira a dar conta da variação intrínseca ao processo lingüístico.
- Comparação dos fenômenos linguísticos observados na fala e na escrita nas diferentes variedades.
- Realização de operações sintáticas que permitam analisar as simplificações discursivas decorrentes de possíveis relações estabelecidas entre forma e sentido, de modo a ampliar os recursos expressivos.
- Descrição de fenômenos linguísticos com os quais os alunos tenham operado, por meio de agrupamento, aplicação de modelos, comparações e análise das formas lingüísticas, de modo a inventariar elementos de uma mesma classe de fenômenos e construir paradigmas contrastivos em diferentes modalidades de fala e escrita.
- Utilização da intuição sobre unidades linguísticas (períodos, sentenças, sintagmas) como parte das estratégias de solução de problemas de pontuação.
- Utilização das regularidades observadas em paradigmas morfológicos como parte das estratégias de solução de problemas de ortografia e de acentuação gráfica. (BRASIL, 1998, p. 59-63)

A prática de análise linguística para as séries finais do Ensino Fundamental, foi pensada nos PCNLP para o desenvolvimento da linguagem do aluno, conforme o trecho extraído do documento: “não se podem desprezar as possibilidades que a reflexão linguística apresenta para o desenvolvimento dos processos mentais do sujeito, por meio da capacidade de formular explicações para explicitar as regularidades dos dados que se observam a partir do conhecimento gramatical implícito” (BRASIL, 1998, p. 78). Nesses termos, enquanto faz reflexão, o aluno desenvolve possibilidades para melhor viver no mundo.

Em relação ao eixo em discussão, o documento dos PCNLP de

Língua Portuguesa advertem que “prática de análise linguística não é uma nova denominação para ensino de gramática” (BRASIL, 1998, p. 78). São atividades específicas que, sem desprezara gramática normativa, extrapolamos estudos gramaticais que eram centrais nas aulas de Língua Portuguesa.

Nessa proposta, a prática ocorre sobre níveis linguísticos historicamente trabalhados nas aulas de Língua Portuguesa, como características de gêneros textuais, variação linguística, sintaxe, léxico, pontuação, entre outros, não sendo, portanto, uma novidade para o ensino da Língua Portuguesa, sem, contudo, dividir conteúdos por nomenclatura gramatical, pois os temas são abordados a partir do material discursivo que o professor levar para a sala de aula, ou seja, a partir do texto oral ou escrito. No texto dos PCNLP (Brasil, 1998, p. 59-63) localizamos oito práticas descritas a seguir.

A primeira prática recomenda o “reconhecimento das características dos diferentes gêneros de texto, quanto ao conteúdo temático, construção composicional e ao estilo” (BRASIL, 1998, p. 59-60).

A segunda trata da “observação da língua em uso de maneira a dar conta da variação intrínseca no processo linguístico” (BRASIL, 1998, p. 60). Já na terceira prática vem a “comparação dos fenômenos linguísticos observados na fala e na escrita nas diferentes variedades” (BRASIL, 1998, p.60).

A quarta prática recomenda a “realização de operações sintáticas que permitam analisar as implicações discursivas decorrentes de possíveis relações estabelecidas entre forma e sentido, de modo a ampliar os recursos expressivos” (BRASIL, 1998, p. 61).

A quinta prática consiste na “ampliação do repertório lexical pelo ensino-aprendizagem de novas palavras” (BRASIL, p. 62).

A sexta prática aborda a “descrição de fenômenos linguísticos com os quais os alunos tenham operado, por meio de agrupamento, aplicação de modelos, comparações e análises de formas linguísticas, de modo a inventariar elementos de uma mesma classe de fenômenos e construir paradigmas contrastivos em diferentes modalidades de fala e escrita” (BRASIL, 1998, p. 63).

Na sétima prática temos “utilização da intuição sobre unidades linguísticas (períodos, sentenças, sintagmas) como parte das estratégias de solução de problemas de pontuação” (BRASIL, 1998, p. 63).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A oitava prática de análise linguística recomenda a “utilização das regularidades observadas em paradigmas morfológicos como parte das estratégias de solução de problemas de ortografia e de acentuação gráfica” (BRASIL, 1998, p. 63).

Ao observar as práticas descritas nos parágrafos anteriores, verificamos que as características dos gêneros não são tratadas como teorias sobre tipologia textual, mas como leitura dos sujeitos, em que o texto se insere, como está organizado, que recursos expressivos foram usados, que marcas linguísticas o texto traz, entre outros. Ou seja, requer do leitor um olhar particular, não generalizado para que não se perca o que está disposto no material de análise.

Essa postura particular analisar as características do gênero também é mantida ao observar a variação linguística, no entendimento de que não se trata de mobilizar vários textos para mostrar as diversas faces da língua portuguesa. A postura do professor em relação à variação deve ser a de considerar que um texto, oral ou escrito, pode se apresentar de diversas formas. A depender do conteúdo que se quer trabalhar, essa variação se manifesta naturalmente e deve ser explorada no sentido de mostrar a riqueza da língua e das diversas formas de manifestação do sujeito.

Na mesma prática de análise linguística, disposta nos PCNLP, a fala e a escrita não são tratadas como oposição, mas como manifestações linguísticas diferentes, possíveis de análise nos níveis sintáticos, fonéticos e semânticos. Não é privilegiar um modo ou outro de usar a língua portuguesa, mas entender que há uma distinção entre fala e escrita.

A sintaxe somente é interessante nessa prática se resultar em ampliação de frases, parágrafos e textos para deixar a expressão mais clara para o que se pretende demonstrar. Isso pode ser feito com novas ordenações de sentenças, nova pontuação, uso de pronomes e uso de operadores argumentativos. Ou seja, mobilizar o que a língua dispõe para escrever, ou reescrever, um texto claro do ponto de vista linguístico e não deixar de lado o desejo de conduzir os textos escritos para o padrão da língua portuguesa.

A maneira de ampliar o repertório lexical não é fazer listas extensas de palavras, copiá-las do dicionário ou de outro suporte. Mas é acionar o léxico para expressar o que se deseja, ver qual é a palavra mais adequada para aquela expressão do momento da escrita ou da fala. Essa maneira de ampliar o repertório lexical é possível em todas as aulas e em todos os conteúdos de língua portuguesa, pois a língua prescinde da pa-

lavra.

Os problemas de ortografia e acentuação gráfica, nessa perspectiva, requer um trato científico, pois os alunos são convidados a observar regularidades, o que, ao nosso modo de ver, requer um olhar para as ocorrências das palavras na língua portuguesa em outros textos para comparar com o que eles escrevem. Como os conteúdos não são inteiramente novos, também não é uma nova nomenclatura para o ensino da gramática da língua portuguesa, o que se requeria seria uma nova postura frente aos conteúdos e uma nova maneira de ensinar Língua Portuguesa.

Para a reescrita de textos na prática de análise linguística, recomenda-se trabalhar o texto em relação à sua estrutura e quanto aos aspectos gramaticais. Compreendemos essa prática como um movimento constante de leitura, releitura, escrita e reescrita, com o objetivo de explorar e desenvolver linguagens dentro e fora do universo escolar.

Um exemplo de documento oficial, construído a partir dos PCN-LP, que tem o texto na perspectiva da diversidade de gêneros para as aulas de Língua Portuguesa, é CRREEG⁴⁷ (GOIÁS, 2012). Nesse documento, a prática de análise da língua traz expectativas de aprendizagem que prescindem do desenvolvimento de atividades diversificadas como estudo de variação linguística, gramática normativa, tipologia de gêneros, produção de textos em diversos gêneros e conhecimentos sobre o texto literário. Nesse eixo, estão previstas atividades de reescrita dos textos produzidos na prática de escrita, tanto coletiva, quanto individualmente. A seguir, temos um quadro com as expectativas de aprendizagem para a prática de análise da língua.

Quadro 1: Expectativas de aprendizagem para o eixo prática de análise da língua para o conteúdo “Contos Populares (Anedotas, Causos, Lendas e Mitos)” no 6º ano do Ensino Fundamental.

Expectativas de Aprendizagem	Eixo temático	Conteúdos
<ul style="list-style-type: none">• Refletir sobre o emprego dos discursos direto e indireto, distinguindo as falas do narrador e das personagens nos contos populares.• Refletir sobre o emprego dos substantivos nos	Prática de Análise da Lín-	Contos “Populares (anedotas, causos, lendas e mi-

⁴⁷ Trata-se de um documento oficial que norteia o planejamento das aulas da educação básica – Ensino Fundamental e Ensino Médio – em toda a Rede Estadual de Educação de Goiás, incluindo a Língua Portuguesa.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

contos populares.	gua	tos)''
<ul style="list-style-type: none">• Refletir sobre a caracterização dos personagens e dos espaços nos contos populares, com base no emprego de adjetivos e locuções adjetivas.• Refletir sobre uso de advérbios e locuções adverbiais para marcar o tempo e os espaços nas narrativas de tradição oral.• Refletir sobre o emprego do pretérito perfeito e imperfeito nos textos de tradição oral.• Refletir sobre o emprego de preposições, conjunções, pronomes relativos como elementos articuladores nos gêneros em estudo.• Refletir sobre a ortografia nos gêneros em estudo.• Refletir sobre o uso da pontuação nos gêneros em estudo.• Refletir sobre o emprego dos acentos gráficos e da crase nos gêneros em estudo.• Refletir sobre a variação linguística nos gêneros em estudo.• Reescrever os textos produzidos (coletiva e individualmente).		

Fonte: CRREEG (GOIÁS, 2012, p. 39).

Conforme observamos, a proposta desse currículo é integrar atividades de prática de oralidade, prática de leitura, prática de escrita e prática de análise da língua ancoradas em um gênero textual para atender à proposta dos PCNLP, encerrando sempre com a reescrita de um texto produzido conforme o gênero textual em estudo. Por essa prática, retomam-se todas as práticas anteriores como objeto de reflexão, escrita e reescrita, ou seja, essa proposta comporta diversas possibilidades de trabalho com a linguagem nas aulas de Língua Portuguesa, de maneira integrada.

Chegando à BNCC (Brasil, 2018), componente curricular Língua Portuguesa, da área de linguagens para o ensino fundamental, a prática de análise linguística nos moldes dos documentos curriculares anteriores, compõe o conjunto de práticas de linguagem e recebe o nome de análise linguística/semiótica, dentre as demais práticas, que são oralidade, leitu-

ra/escutae produção. Dodocumento oficial, transcrevemos a abrangência da prática em perspectiva:

O Eixo da Análise Linguística/Semiótica envolve os procedimentos e estratégias (meta)cognitivas de análise e avaliação consciente, durante os processos de leitura e de produção de textos (orais, escritos e multissemióticos), das materialidades dos textos, responsáveis por seus efeitos de sentido, seja no que se refere às formas de composição dos textos, determinados pelos gêneros (orais, escritos e multissemióticos) e pela situação de produção, seja no que se refere aos estilos adotados nos textos, com forte impacto nos efeitos de sentido. (BRASIL, 2018, p. 80)

Conforme descrito acima, desta apresentação, destacamos a centralidade no texto eo trabalho articulado com outras práticas, ou seja, a prática de análise linguística/semiótica é realizada na oralidade, na leitura/escuta e na escrita de textos de diferentes gêneros textuais, observando a especificidade de cada texto e de cada campo de atuação (vida cotidiana, artístico-literário, estudo e pesquisas, jornalístico-midiático e vida pública). Em outro trecho, ainda discorrendo sobre a análise linguística/semiótica, o documento da BNCC (Brasil, 2018, p. 82) explicita que a separação de práticas ocorre apenas para a organização curricular, mas que as análises ocorrem enquanto se apresenta, lê/escuta e/ou se escreve um texto.

Na BNCC, os conhecimentos linguísticos mobilizados para a análise linguística semiótica são: fono-ortografia, morfosintaxe, sintaxe, semântica, variação linguística e elementos notacionais da escrita (BRASIL, 2018, p. 82-3). Diante desses conhecimentos para a prática, é oportuno reiterar que todos os itens devem ser contextualizados e significativos no trabalho com a linguagem nas aulas de Língua Portuguesa.

3. Considerações finais

A partir desse estudo, consideramos que a prática de análise linguística tem seu espaço estabilizado dentro do ensino de Língua Portuguesa da educação básica e que esse espaço sempre pode ser atualizado. A estabilização considera os conhecimentos advindos da Linguística moderna que passaram por didatização e, por fim, foram transpostos para os documentos que oficializam o ensino de Língua Portuguesa que conhecemos hoje. Por outro lado, os espaços de atualização, que não desprezam os estudos linguísticos, tampouco os documentos legais para as aulas de Língua Portuguesa, têm no professor dessa disciplina uma possibilidade de transformar, pois o que ensina pode se apropriar das discursividades

estabilizadas para apresentar novas propostas.

Estando a BNCC em fase de implementação, podemos considerar que questão da prática de análise linguística/semiótica chega com desalinhamentos teórico-metodológicos herdados dos PCNLP, considerando estudos anteriores. Estudos linguísticos recentes, especificamente aqueles que tratam do ensino e aprendizagem da língua portuguesa na educação básica, têm buscado atualizar discussões sobre o eixo prática de análise linguística abordando seu desenvolvimento na sala de aula, ou seja, observando como os estudos linguísticos e os referenciais curriculares são traduzidos na prática.

Luiza Silva (2012), após analisar um referencial curricular de um estado da Federação, discursivamente ancorados nos estudos bakhtinianos e nos PCNLP, constatou que os conteúdos de Língua Portuguesa que a ênfase não era no uso e na reflexão orientados pelos PCNLP à luz da concepção bakhtiniana de linguagem.

João de Deus Leite (2015), em sua tese de doutoramento, considerou, após um estudo de caso, que os professores, apesar de conhecer as diretrizes oficiais para as aulas de Língua Portuguesa, tendem a atender a essas diretrizes apenas no que se refere ao estudo dos gêneros de textos, enquanto no que se espera em termos de práticas de análise linguística sobressaem estudos de gramática normativa sem relação com os textos e sem reflexões sobre a língua. Nesse estudo, a tese mostra o desalinhamento entre as identificações do professor, que estaria identificado com os pressupostos da Linguística moderna, e, por consequência, à prática de análise linguística, e sua prática voltada para a gramática tradicional separada do texto no desenvolvimento de atividades em sala de aula. Esse estudo mostra que a identificação do professor com as diretrizes curriculares ancoradas em estudos linguísticos não tornou a prática de análise linguística uma atividade bem sucedida, pois, mesmo que o professor seja identificado teoricamente, a prática ainda está pautada por discursividades anteriores.

As pesquisadoras Dutra e Lola (2017) mostraram, após entrevistar professores de escolas de educação básica, que estes não compreendem a prática de análise linguística, tanto no conceito teórico quanto no metodológico de tomar essa prática constante no ensino de Língua Portuguesa. Essa incompreensão torna a análise linguística impraticável, uma vez que, para acontecer, depende do alinhamento teórico-metodológico dos professores.

Mas para que o ensino ancorado em gêneros textuais proporcione os efeitos desejados, segundo Luiza Silva (2012, p. 107), não se trata de voltar ao ensino por estratos da língua, mas de dar oportunidades para que o professor de Língua Portuguesa possa refletir sobre o que vai ensinar, ou seja, pautar o ensino pelos estudos linguísticos e refletir para fazer a ponte entre os conhecimentos produzidos na academia e a sala de aula para ensinar bem. Acreditamos que essas recomendações são adequadas para todas as práticas de linguagem, incluindo a análise linguística/semiótica.

Do mesmo modo, para uma prática eficaz, podemos pensar a BNCC numa perspectiva formadora. Essa perspectiva é apontada por Bertoldo e Leite (2016, p. 61) “os documentos deveriam ser tomados em sua perspectiva formadora, no sentido de que a compilação das ideias linguísticas que eles apresentam, precisam ser pensadas e problematizadas”. Discorrendo sobre o que está disposto nos PCNLP, Bertoldo e Leite (2016, p. 63) colocam que, apesar da coletivização das discussões acerca do modo de trabalhar a língua portuguesa, essas discussões precisam também ser pensadas de forma individual, quando o professor está na condição de sujeito de sua prática: “é preciso pensar na perspectiva de que essas discursividades não funcionam sem a articulação a uma prática contingencial sustentada e bancada por um sujeito”. Pensando nesses dizeres, julgamos pertinente para o professor de Língua Portuguesa da educação básica, um olhar particular para a proposta de análise linguística/semiótica disposta na BNCC no momento em que esse documento oficial está sendo implementado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTOLDO, Ernesto Sérgio; LEITE, João de Deus. Língua Portuguesa: um objeto circunscrito. In: *Entremeios* (Revista de Estudos do Discurso), Seção de Estudos, Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL), Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre-MG, vol. 13, p. 59-86, jul.-dez.2016. Disponível em: <http://www.entremeios.inf.br/published/347.pdf>. Acesso em 17/03/2017.

BEZERRA, Maria Auxiliadora; REINALDO, Maria Augusta. *Análise Linguística: afinal, a que refere?*. São Paulo, Cortez, 2013. 96 p. (Coleção Leituras Introdutórias em Linguagem)

BRASIL, Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais*:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Língua Portuguesa (terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental. BRASÍLIA, MEC, 1998.

_____, Ministério da Educação. *A ocasião faz o escritor: caderno do professor: orientação para produção de textos*. Equipe de produção: Maria Aparecida Laginestra, Maria Imaculada Pereira. São Paulo: Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CEN-PEC), 2010. 128 p. (Coleção da Olimpíada)

BRASIL, Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. Disponível em <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>>. Acesso em 03/07/2018.

DUTRA, Camilla Maria Martins; LOULA, Laura Dourado. Incompreensão e desalinhamento teórico-metodológico como possíveis entraves à prática de análise em sala de aula. In: *Domínios de Linguagem*, Uberlândia (MG), V. 11, p 526-47, jul.-set.2017. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/37276/20906>>. Acesso em: 03.jul.2018.

GERALDI, João Wanderley (Org.). Unidades básicas do ensino de português. In: *O texto na sala de aula*. São Paulo: Anglo, 2012. P.59-79.

GOIÁS, SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, CULTURA E ESPORTE. *Currículo Referência da Rede Estadual de Educação*. Goiânia: 2012. Disponível em: <http://www.seduc.go.gov.br/imprensa/documentos/arquivos/Curr%C3%ADculo%20Refer%C3%Aancia/Curr%C3%ADculo%20Refer%C3%Aancia%20da%20Rede%20Estadual%20de%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20de%20Goi%C3%AAs!.pdf>. > Acesso em 06 jul. 2018.

LEITE, João de Deus. *Aula de Língua Portuguesa: das identificações do professor à sua prática*. 2015. Tese. Doutorado em Estudos Linguísticos. Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, 2015. 248 p. Disponível em: <<https://www.ileel.ufu.br/ppgel/wp-content/uploads/2016/05/019-Joao-de-Deus-Leite.pdf>>. Acesso em: 05 jul.2018.

SILVA, L. H. Os Gêneros textuais na escola: entre teorizações e práticas na formação do professor. In: SILVA, W. R. (Org.). *Letramento do professor em formação inicial: interdisciplinaridade no estágio supervisionado da licenciatura*. Campinas: Pontes, 2012. p. 83-108